

O que é Sociologia - Coleção Primeiros Passos: uma análise figuracional do livro em diálogo com o autor

Marcelo Cigales¹

Éric Carneiros dos Santos²

Resumo

O artigo analisa o livro *O que é Sociologia*, publicado na Coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense, tomando-o como objeto para compreender a socialização do conhecimento sociológico no Brasil. Para examinar as condições de produção da obra, lançada no início dos anos 1980, realizamos uma entrevista semiestruturada com seu autor, Carlos Benedito Martins, além de mobilizar outras fontes documentais, como o memorial acadêmico para professor titular, o parecer de indicação para professor emérito da Universidade de Brasília e entrevistas concedidas ao longo de sua trajetória. A análise fundamenta-se nos conceitos de figuração, sociogênese e psicogênese de Norbert Elias, articulando a trajetória profissional do autor às redes acadêmicas e editoriais que possibilitaram a produção e circulação do livro. Conclui-se que a obra constituiu um projeto bem-sucedido de divulgação da sociologia, inserido no contexto de redemocratização e expansão do ensino superior no Brasil.

Palabras chaves: Sociologia no Brasil; Manuais de Sociologia; Sociogênese; Figurações Intelectuais; Ensino de Sociologia.

1 Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). Coordenador do Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez. Orcid. <https://orcid.org/0000-0002-4320-5941> - E-mail: marcelo.cigales@unb.br

2 Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Sociologia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Integrante do Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez. Orcid. <https://orcid.org/0000-0002-5750-0546> - E-mail: eric.santos1@edu.se.df.gov.br



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

Introdução

A história do ensino de Sociologia no Brasil tem ocupado espaço crescente nas últimas décadas, especialmente em eventos acadêmicos dedicados ao tema. Iniciativas como o Grupo de Trabalho Ensino de Sociologia da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), o Encontro Nacional do Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB) e o Congresso Brasileiro de Ensino de Ciências Sociais (ABECS) têm contribuído para a consolidação de um campo de estudos voltado à historicização da disciplina, revisitando seus marcos institucionais e diversificando o repertório de fontes de pesquisa mobilizadas (Cigales e Oliveira, 2021; Cigales, 2019). Inserido nesse movimento, o presente artigo propõe analisar sociologicamente o livro *O que é Sociologia*, de Carlos Benedito Martins, professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), tomando-o como objeto heurístico para a compreensão da circulação e da rotinização do conhecimento sociológico no Brasil.

Publicado originalmente em 1982, no âmbito da Coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense, o livro constitui uma obra introdutória voltada à apresentação da história e das principais correntes do pensamento sociológico a um público amplo, que inclui estudantes do ensino médio e superior. A relevância dessa obra pode ser mensurada não apenas por sua difusão editorial, mas também por sua presença recorrente em programas de disciplinas introdutórias de sociologia em cursos de graduação, bem como por sua circulação como referência bibliográfica em manuais e estudos sobre ensino de sociologia no país. Tal difusão sugere que o livro operou como um dispositivo de rotinização do conhecimento sociológico, contribuindo para a consolidação de um repertório canônico de autores e problemas que estruturaram a formação sociológica de diferentes gerações de estudantes, sobretudo em um período marcado pela expansão do ensino superior e pela reorganização do campo acadêmico nacional.

Não obstante sua relevância histórica, cabe problematizar a atualidade da obra no contexto contemporâneo das Ciências Sociais, caracterizado pela diversificação teórica e pela crítica ao cânone clássico centrado em Marx, Weber e Durkheim. A expansão de perspectivas pós-coloniais, decoloniais e feministas tem tensionado a centralidade desses autores na

formação sociológica, colocando em questão a capacidade de obras introdutórias produzidas nos anos 1980 responderem às novas agendas teóricas do campo. Nesse sentido, o livro deve ser compreendido simultaneamente como produto de seu tempo e como referência que, embora ainda influente, encontra-se submetida a processos de revisão e reinterpretação à luz das transformações recentes da sociologia global.

A publicação do livro em 1982 deve ser situada no contexto mais amplo da redemocratização brasileira e da crescente institucionalização da sociologia como profissão. A aprovação da Lei n.º 6.888, de 1980, que regulamentou a profissão de sociólogo no país, expressa a consolidação de um mercado profissional e acadêmico em expansão, o qual demandava materiais introdutórios capazes de sistematizar o conhecimento sociológico para novos públicos. Nesse cenário, a obra analisada pode ser interpretada como resposta editorial às transformações estruturais do campo sociológico brasileiro, articulando-se à ampliação das matrículas no ensino superior e à necessidade de difusão de um repertório conceitual básico para a formação de sociólogos em um período de transição política e institucional.

Uma análise sociológica de um livro de introdução à sociologia requer situá-lo não apenas como repositório de ideias, mas como artefato material inscrito em condições históricas específicas de produção, circulação e recepção. Nessa perspectiva, o livro deve ser compreendido como objeto situado em figurações editoriais que articulam autor, editores, diagramadores, ilustradores, políticas editoriais e públicos leitores, compondo uma rede de interdependências que molda tanto o conteúdo quanto sua forma de apresentação. Ao tratar *O que é Sociologia* como suporte de ideias, torna-se, portanto, necessário indagar suas condições sociais de produção material e simbólica, bem como a longa duração de sua vida editorial desde o lançamento em 1982, a qual envolve reedições, reimpressões e eventuais alterações textuais que podem ter incidido sobre sua configuração original.

Para analisar o livro em diálogo com seu autor, mobilizamos os aportes teórico-metodológicos da perspectiva figuracional de Norbert Elias (1993), articulando os conceitos de sociogênese e psicogênese à análise da manualística escolar, campo situado na interface entre História da Educação e Nova Sociologia da Educação (Escolano Benito, 2016; Ossenbach-Sauter;

Somoza, 2001). A sociogênese permite situar o livro nas transformações históricas do campo sociológico e editorial brasileiro, enquanto a psicogênese possibilita compreender a constituição das disposições intelectuais do autor no interior das figurações acadêmicas das décadas de 1970 e 1980. Tais figurações não se limitavam a redes de amizade ou afinidade, mas envolviam tensões teóricas, disputas simbólicas e equilíbrios de poder que orientavam as estruturas de pensamento e as estratégias de inserção no campo das Ciências Sociais brasileiras.

A reconstrução da trajetória do autor baseia-se, em parte, em documentos autobiográficos, como o memorial acadêmico, que devem ser analisados com cautela, uma vez que constituem formas de autorrepresentação produzidas em contextos institucionais específicos e orientadas por estratégias de consagração acadêmica. Essas fontes não são relatos neutros de trajetória, mas narrativas socialmente situadas que organizam retrospectivamente os eventos biográficos segundo princípios de coerência e linearidade. Assim, a análise biográfica proposta triangula tais documentos com entrevistas concedidas pelo autor e outros registros documentais, buscando reconstruir sua trajetória como processo figuracional marcado por relações de poder, disputas e alianças no campo das Ciências Sociais brasileiras.

Metodologicamente, privilegiamos uma perspectiva histórica combinada à análise de conteúdo do livro e à realização de entrevista semiestruturada com o autor, além do exame de outras entrevistas (Oliveira & Martins, 2019; Martins, 2015), de seu memorial acadêmico (Martins, 2010) e do parecer de indicação para professor emérito da UnB (Departamento de Sociologia, 2023). Tal conjunto documental permite articular a sociogênese da obra à psicogênese do autor, evidenciando as interdependências entre escritor, editores e leitores no contexto de redemocratização e expansão do ensino superior no Brasil.

Além desta introdução e das considerações finais, o artigo está organizado em três partes: inicialmente, apresenta-se a perspectiva teórico-metodológica adotada; em seguida, analisa-se o conteúdo, as imagens e as referências do livro; por fim, discute-se a entrevista realizada com o autor à luz das figurações intelectuais que marcaram sua trajetória. Espera-se, assim, contribuir para os estudos históricos sobre o ensino de Sociologia

no Brasil, especialmente aqueles que tomam os livros de introdução à disciplina como fontes privilegiadas para compreender os processos de socialização e institucionalização do conhecimento sociológico no país.

Uma perspectiva figuracional para a análise dos manuais escolares

A perspectiva figuracional proposta por Norbert Elias constitui um aporte teórico fecundo para a análise sociológica de objetos culturais como os manuais escolares, na medida em que permite situá-los em processos históricos de longa duração e em redes de interdependência que articulam indivíduos, instituições e formas simbólicas. Desde *O Processo Civilizador* (1939), Elias desenvolve uma abordagem processual que busca compreender as transformações simultâneas das estruturas sociais e das estruturas de personalidade, recusando explicações que isolam ideias, obras ou autores de suas condições sociais de produção. Trata-se de uma sociologia histórica das relações, na qual as práticas culturais e intelectuais são concebidas como produtos de figurações dinâmicas e tensionadas, constituídas por equilíbrios instáveis de poder entre indivíduos e grupos interdependentes.

Nessa perspectiva, o mundo social é concebido como um contínuo devir de múltiplas dinâmicas relacionais, nas quais cooperação e competição se entrelaçam e produzem padrões relativamente estáveis de comportamento, sensibilidade e regulação dos afetos. As figurações, nesse sentido, designam configurações mutáveis de interdependências que conectam indivíduos e instituições em processos históricos específicos, sendo atravessadas por disputas simbólicas, tensões e assimetrias de poder. A tarefa da sociologia consiste, portanto, em tornar inteligíveis esses padrões relacionais que os próprios agentes produzem conjuntamente, mas cuja lógica excede as intenções individuais (Elias, 1993).

Os conceitos de sociogênese e psicogênese são centrais para esse entendimento analítico. A sociogênese refere-se à reconstrução dos processos históricos de formação das estruturas sociais e institucionais, enquanto a psicogênese diz respeito à constituição das disposições individuais, dos afetos e das economias psíquicas que orientam as práticas e representações dos agentes. Para Elias, tais dimensões não são independentes, mas se

transformam reciprocamente ao longo do tempo, de modo que a análise de um objeto cultural exige apreender simultaneamente as condições sociais de sua produção e as trajetórias individuais dos agentes envolvidos em sua elaboração e circulação.

Transposta para o estudo dos manuais escolares, essa abordagem implica concebê-los não apenas como textos pedagógicos ou compêndios de conteúdos, mas como artefatos materiais e simbólicos inscritos em figurações editoriais, acadêmicas e políticas que condicionam suas formas, conteúdos e usos. Os manuais de sociologia, nesse sentido, participam de disputas pela definição legítima da disciplina, pela seleção de autores e temas considerados canônicos e pela delimitação de públicos leitores, constituindo-se como instrumentos de socialização e institucionalização do conhecimento sociológico em contextos históricos específicos. Assim, a análise figuracional permite compreender esses livros como produtos de processos de média e longa duração, nos quais se entrelaçam projetos editoriais, trajetórias intelectuais, políticas educacionais e transformações do campo científico.

Essa perspectiva exige também deslocar o foco da análise exclusivamente textual para as condições sociais e materiais de produção dos livros, considerando aspectos como as políticas editoriais, as estratégias de divulgação, a divisão do trabalho entre autores, editores, diagramadores e ilustradores, bem como as diferentes edições e reimpressões que acompanham a vida editorial das obras. Ao incorporar tais dimensões, torna-se possível apreender o manual escolar como objeto processual, cuja forma final resulta de negociações e equilíbrios de poder entre agentes situados em posições distintas no campo intelectual e editorial. Desse modo, a sociogênese do livro não se limita ao momento de sua escrita, mas abrange sua longa trajetória de circulação e recepção, na qual se redefinem continuamente seus sentidos e usos sociais (Meucci, 2020; Santos, 2025).

No caso específico dos livros introdutórios de sociologia publicados no Brasil desde as primeiras décadas do século XX (Lorton, 1924; Miranda, 1926; Azevedo, 1935), observa-se a constituição de um espaço de disputas simbólicas acerca da definição legítima da disciplina, de seus clássicos e de seus problemas fundamentais. Tais obras, longe de serem meros

instrumentos didáticos neutros, expressam projetos intelectuais situados e participam da consolidação institucional da sociologia no país, funcionando como dispositivos de rotinização e padronização de um repertório teórico considerado legítimo. A análise figuracional permite, assim, inscrever o livro *O que é Sociologia* nesse processo histórico mais amplo, evidenciando suas continuidades e rupturas em relação a outras obras do mesmo gênero e às transformações do campo sociológico brasileiro.

Metodologicamente, a articulação entre sociogênese e psicogênese orienta o exame das fontes mobilizadas neste estudo. A sociogênese do livro é reconstruída a partir de sua inserção no contexto editorial da Coleção Primeiros Passos, no processo de redemocratização brasileira e na expansão do ensino superior nos anos 1980, elementos que conformaram as condições objetivas de sua produção e circulação. Já a psicogênese do autor é investigada por meio de entrevistas, memorial acadêmico e outros documentos, os quais permitem apreender não apenas suas redes de sociabilidade e afinidades intelectuais, mas também as tensões, disputas e equilíbrios de poder que atravessavam as figurações acadêmicas das Ciências Sociais brasileiras no período de publicação da obra.

Importa ressaltar que a psicogênese do autor não se reduz a dimensões biográficas ou afetivas, devendo ser compreendida como parte das estruturas de pensamento e das economias psíquicas que se formam em contextos históricos específicos. As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por intensas disputas teóricas e políticas acerca do papel da sociologia na interpretação da sociedade brasileira, configurando um campo intelectual tensionado entre diferentes paradigmas e projetos disciplinares. Tais disputas envolveram, de um lado, perspectivas críticas fortemente influenciadas pelo marxismo e pela sociologia do desenvolvimento, e, de outro, correntes orientadas por matrizes weberianas, estrutural-funcionalistas e pela consolidação de uma sociologia empírica profissionalizada, em diálogo com os processos de institucionalização da pós-graduação e com as agências de fomento à pesquisa. Esse período corresponde ainda à expansão dos programas de pós-graduação, à atuação de associações científicas como ANPOCS e SBS e à crescente definição de critérios de cientificidade e avaliação acadêmica, que contribuíram para homogeneizar padrões de

formação e produção intelectual no país. Ao mesmo tempo, persistiam assimetrias regionais e disputas entre centros acadêmicos hegemônicos e instituições emergentes, o que estruturava hierarquias simbólicas e estratégias diferenciadas de inserção no campo científico (Lima e Bomeny, 2001; Lima e Cortes, 2013).

A análise figuracional dos manuais escolares dialoga com um conjunto crescente de pesquisas que têm explorado esses materiais como fontes privilegiadas para a reconstrução histórica da sociologia e de seu ensino no Brasil. Estudos recentes têm destacado tanto o potencial heurístico desses livros quanto a necessidade de rigor metodológico na sua interpretação, evidenciando as contradições narrativas presentes em muitos manuais quanto à formação da disciplina e ao processo de sua institucionalização (Cigales, 2019; Bodart & Pires, 2021; Oliveira e Bodart, 2024). Ao adotar essa perspectiva, o presente artigo busca contribuir para esse campo de investigações, propondo compreender o livro *O que é Sociologia* como um objeto figuracional que articula trajetória social, projetos editoriais e disputas simbólicas em torno da definição legítima da sociologia no Brasil.

O que é Sociologia (?)

A Editora Brasiliense foi fundada em 1943 por Caio Prado Júnior (1907-1990), em parceria com Arthur Neves (1916-1971) e Leandro Dupré (1891-1960), tendo publicado obras de intelectuais como Monteiro Lobato e Paulo Prado. Trata-se de uma editora que, desde suas origens, manteve estreita vinculação com projetos intelectuais críticos, publicando coleções e títulos que frequentemente desagradam aos regimes autoritários do período Vargas e, posteriormente, ao regime militar instaurado em 1964. Nesse contexto, alguns livros chegaram a ser censurados, como *A Revolução Brasileira* e *O mundo do Socialismo*, ambos de autoria de Caio Prado Júnior (Reimão, 2022). Tal tradição editorial é relevante para compreender a inserção posterior da Coleção Primeiros Passos em um projeto de difusão crítica do conhecimento nas Ciências Humanas.

Conforme Lemos (2022), a Coleção Primeiros Passos, inspirada em projetos editoriais estrangeiros, foi criada com o objetivo de ampliar e divulgar, para um público mais amplo, conhecimentos introdutórios sobre

temas considerados centrais para a compreensão da conjuntura sociopolítica do período de abertura política. Como observa a autora,

Com textos em linguagem pouco acadêmica, mas buscando um conteúdo razoavelmente aprofundado, sob o título *O que é*, a coleção Primeiros Passos se voltou a temas como capitalismo, nacionalismo, tortura, poder, cultura, política cultural, ideologia, nacionalidade, imperialismo, entre outros. Buscava-se assim estimular o interesse do leitor jovem em saber mais sobre esses assuntos para poder melhor refletir sobre a própria conjuntura (Lemos, 2022, p. 34).

Além do contexto de abertura democrática dos anos 1980, importa destacar que Caio Graco Prado mirava particularmente o público jovem universitário, participando inclusive dos Congressos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no final da década de 1970, espaço no qual se evidenciava a demanda por livros de Ciências Humanas e Sociais voltados à formação crítica desse público (Lemos, 2022). O sucesso da coleção, como observa Reimão (2022), relaciona-se diretamente à busca da juventude brasileira por informações gerais nas Ciências Humanas em um momento de intensa efervescência política. Não por acaso, “[...] entre 1980 e 1989 foram mais de duzentos títulos, com cinco milhões de exemplares vendidos. Somente nos quatro primeiros anos da coleção, a Brasiliense publicou mais do que em toda sua história anterior” (Reimão, 2022, p. 11).

Nesse quadro, a editora recrutou autores com forte inserção no campo intelectual paulista ou com formação acadêmica vinculada à cidade de São Paulo, como é o caso de Carlos Benedito Martins. Intelectuais como Frei Betto, Marilena Chauí, Florestan Fernandes e Ricardo Antunes figuram entre os nomes mais conhecidos que publicaram volumes na coleção, o que indica a constituição de uma figuração editorial que articula prestígio acadêmico (consolidado ou em ascensão), engajamento político e estratégias de divulgação ampliada do conhecimento.

O livro *O que é Sociologia*, publicado em 1982, insere-se nesse projeto editorial e, conforme Lemos (2022), esteve entre os títulos de maior sucesso da coleção nos seus cinco primeiros anos, alcançando cerca de 75 mil exemplares impressos até 1985 (Lemos, 2022, p. 101). Ainda que não tenha sido concebido como manual didático propriamente dito, a obra

apresenta elementos de didatização, como a presença de imagens, colagens e ilustrações. Importa sublinhar que tais imagens não foram selecionadas exclusivamente pelo autor, mas resultaram de decisões editoriais, o que evidencia a existência de uma divisão social do trabalho intelectual no processo de produção do livro, envolvendo editores, diagramadores e ilustradores.

Cumpre explicitar que a análise aqui desenvolvida toma como referência a edição de 2006 do livro *O que é Sociologia*, reconhecendo, contudo, que a obra possui uma longa trajetória editorial iniciada em 1982, marcada por sucessivas reimpressões e reedições que acompanharam as transformações do mercado editorial e das demandas de formação sociológica no país. Essa longa duração editorial indica que o livro não permaneceu idêntico ao longo do tempo, mas integrou distintos contextos de leitura e apropriação, devendo ser compreendido como objeto em permanente recontextualização. Desse modo, a obra inscreve-se em uma figuração editorial mais ampla, na qual as políticas da Editora Brasiliense, as estratégias da Coleção Primeiros Passos e as decisões gráficas, como a seleção de imagens e colagens, participam ativamente da construção de sentidos do texto, configurando um produto intelectual resultante de negociações e equilíbrios de poder no campo editorial.

A capa do livro apresenta uma charge com dois personagens masculinos sobre um fundo azul emoldurado em vermelho, tendo na parte inferior um semicírculo verde semelhante a um gramado. Um homem branco, de boné e calça verde, apoia-se sobre as mãos e joelhos, sustentando em suas costas uma cadeira que serve de assento para outro homem branco, de cabelos pretos e óculos, vestido com paletó estilo fraque. O personagem sentado observa o horizonte por meio de um binóculo, enquanto o primeiro permanece curvado, sem contato visual com ele. Trata-se da única imagem colorida do livro. Essa composição visual remete a relações de poder, interdependência e hierarquia social, sugerindo interpretações sociológicas relacionadas a dominação, trabalho e classes sociais. A posição subjugada do primeiro personagem, que sustenta o conforto do segundo, contrasta com o distanciamento deste último, que observa o mundo social

sem perceber a base material que o sustenta, metáfora visual sugestiva para pensar as relações de dominação na sociedade contemporânea.

A segunda imagem, localizada no primeiro capítulo, consiste em uma colagem de página inteira com a legenda “A Revolução Francesa: uma nova realidade” (Martins, 2006, p. 25). A composição apresenta a fotografia em preto e branco de um homem branco de meia-idade, sorridente, com bigode e cabelo penteado com brilhantina, repetida em duas posições. Setas indicam o deslocamento de sua cabeça em direção a uma guilhotina, elemento que dialoga diretamente com a legenda. No canto inferior esquerdo, a cabeça recortada surge associada a um balão de fala com palavras fragmentadas: “forte, das camadas, distribuição social, necessário, a posse de — contexto” (Martins, 2006, p. 25). A imagem sugere a perda de poder de uma classe dominante diante das transformações revolucionárias, reforçando visualmente a ideia de redistribuição social evocada no texto.

No segundo capítulo, outra ilustração apresenta um cenário desértico ao fundo, com um relógio de areia no centro superior, cuja passagem da areia é interrompida por um dedo indicador que bloqueia o fluxo para o reservatório inferior. A legenda “os profetas do passado” (Martins, 2006, p. 37) sugere uma crítica às teorias evolucionistas e positivistas que pretendiam prever linearmente o desenvolvimento histórico, indicando a impossibilidade de controle absoluto do tempo social pela ação humana.

Ainda nesse capítulo, destacam-se as ilustrações de Karl Marx, Friedrich Engels e Max Weber. Marx e Engels ocupam conjuntamente a página 53, representados de frente um para o outro em um aperto de mãos, com um sol nascente ao fundo, cujos raios ocupam a metade superior da página. A imagem pode ser interpretada como metáfora do surgimento de novas ideias e da cooperação intelectual que marca o projeto socialista. Já a ilustração de Max Weber, apresentada ao final do capítulo (p. 69), mostra-o em busto, com olhar analítico e a mão apoiada sobre a barba. Ao redor da figura, aparecem três símbolos: uma bota alada — possivelmente associada ao deus Hermes, relacionado à comunicação e ao comércio —, a inscrição “OSS3”, que invertida remete à extinta petrolífera ESSO, e um terceiro símbolo não identificado, cravado diagonalmente na barba do autor. Esses

elementos iconográficos sugerem associações com racionalização, capitalismo e modernidade, ainda que não sejam explicitados no texto.

De modo geral, tais imagens dialogam com os conteúdos apresentados pelo autor, mas sua retirada não comprometeria substantivamente a interpretação do texto, o que indica tratar-se de um livro com ilustrações e não propriamente de um manual didático, caracterizado por uma utilização sistemática de recursos visuais diretamente articulados ao conteúdo (Escolano-Benito, 2017). A presença dessas imagens, cuja escolha não coube exclusivamente ao autor, evidencia a divisão do trabalho intelectual no campo editorial, em que diagramadores, ilustradores e editores intervêm na mediação entre texto e leitor. Desse modo, a materialidade gráfica do livro integra sua sociogênese, revelando que sua significação visual resulta de negociações e decisões coletivas orientadas por estratégias de popularização do conhecimento sociológico.

No plano do conteúdo, logo na introdução o autor afirma que a sociologia “constitui um projeto intelectual tenso e contraditório” (Martins, 2006, p. 7), podendo assumir tanto um viés crítico e contestador quanto um caráter normativo e conservador. Em seguida, define a disciplina nos seguintes termos:

Este livro parte do princípio de que a sociologia é o resultado de uma tentativa de compreensão de situações sociais radicalmente novas, criadas pela então nascente sociedade capitalista. A trajetória desta ciência tem sido uma constante tentativa de dialogar com a civilização capitalista, em suas diferentes fases. [...] Procuro apresentar, em termo de debate, a dimensão política da sociologia, a natureza e as consequências de seu desenvolvimento nos embates entre os grupos e as classes sociais e refletir em que medida os conceitos e as teorias produzidos pelos sociólogos contribuem para manter ou alterar as relações de poder existentes na sociedade (Martins, 2006, p. 8-9).

O primeiro capítulo dedica-se à contextualização histórica do surgimento da sociologia, articulando transformações políticas e sociais, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, ao desenvolvimento do pensamento científico ocidental. Diversos pensadores são mobilizados, entre eles Copérnico, Bacon, Hume, Hegel, Marx, Comte, Durkheim e Le Play, compondo um panorama intelectual que associa o nascimento da disciplina às profundas mudanças estruturais da modernidade. Nesse sentido, o

autor afirma que “A jovem ciência assumia como tarefa intelectual repensar o problema da ordem social, enfatizando a importância de instituições como a autoridade, a família, a hierarquia social, destacando a importância teórica para o estudo da sociedade” (Martins, 2006, p. 30).

O segundo capítulo aprofunda a formação da sociologia como campo especializado de conhecimento, enfatizando os autores clássicos, como: Comte, Durkheim, Marx, Engels e Weber, e o sentido epistemológico de suas contribuições. A análise crítica que o autor faz de Durkheim ilustra essa abordagem:

[...] para Durkheim (1858-1917) a questão da ordem social seria uma preocupação constante. De forma sistemática, ocupou-se também com estabelecer o objeto de estudo da sociologia, assim como indicar o seu método de investigação. É através dele que a sociologia penetrou a Universidade, conferindo a esta disciplina o reconhecimento acadêmico. [...] Discordava das teorias socialistas, principalmente quanto à ênfase que elas atribuíam aos fatos econômicos para diagnosticar a crise das sociedades europeias. Durkheim acreditava que a raiz dos problemas de seu tempo não era de natureza econômica, mas sim uma certa fragilidade da moral da época em orientar adequadamente o comportamento dos indivíduos. [...] Possuía uma visão otimista da nascente sociedade industrial. Considerava que a crescente divisão do trabalho que estava ocorrendo a todo o vapor na sociedade europeia acarretava, ao invés de conflitos sociais, um sensível aumento da solidariedade entre os homens. [...] a divisão do trabalho deveria em geral provocar relação de cooperação e de solidariedade entre os homens. No entanto, como as transformações socioeconômicas ocorriam velozmente nas sociedades europeias, inexistia ainda, de acordo com ele, um novo e eficiente conjunto de ideias morais que pudesse guiar o comportamento dos indivíduos. [...] A sociologia deveria ocupar, de acordo com ele, com os fatos sociais que se apresentavam aos indivíduos como exteriores e coercitivos. [...] Ao enfatizar ao longo de sua obra o caráter exterior e coercitivo dos fatos sociais, Durkheim menosprezou a criatividade dos homens no processo histórico. Estes surgem sempre, em sua sociologia, como seres passivos, jamais como sujeitos capazes de negar e transformar a realidade histórica. (Martins, 2006, p. 46-49).

O último capítulo aborda o desenvolvimento da sociologia ao longo do século XX, destacando a institucionalização da disciplina em centros de pesquisa como a Escola de Chicago, Harvard e a Escola de Frankfurt, bem como sua relação com burocracias estatais e organizações econômicas no capitalismo avançado. O autor identifica a coexistência de duas orientações sociológicas: uma alinhada à ordem burguesa vigente e outra

voltada à crítica social e à construção de uma “[...] sociedade mais justa e mais igualitária do que a presente” (Martins, 2006, p. 94). Ao discutir a profissionalização da sociologia, afirma:

A universidade foi, em diversos países capitalistas, tanto nas nações centrais como nas periféricas, abandonando um relativo isolamento em face do Estado moderno e das imensas organizações econômicas para vincular-se estreitamente aos centros do poder econômico e às suas necessidades de preservação. [...] A profissionalização do sociólogo, moldada por esta lógica de dominação, acarretou-lhe, via de regra, a sua conversão em assalariado intelectual e a domesticação do seu trabalho (Martins, 2006, p. 88-89).

As leituras complementares indicadas ao final do livro reforçam esse enquadramento teórico, contemplando autores como Peter Berger, Wright Mills, Adorno, Horkheimer, Margaret Coulson e Florestan Fernandes, além de recomendações de coleções editoriais voltadas ao estudo dos clássicos da sociologia. Observa-se, contudo, a predominância de referências oriundas do norte global, com menor atenção a tradições sociológicas latino-americanas e brasileiras, ainda que autores nacionais como Florestan Fernandes e Octavio Ianni sejam mencionados.

A partir do exame conjunto das imagens, conteúdos e referências, percebe-se que *O que é Sociologia* introduz o leitor a uma concepção da disciplina ancorada nas revoluções industrial, política e científica dos últimos séculos e em seu processo de profissionalização no final do século XIX e início do século XX. Trata-se de uma sociologia fortemente referenciada em tradições intelectuais europeias e norte-americanas, o que pode ser relacionado à trajetória formativa do autor em São Paulo, centro de recepção das missões acadêmicas francesas e norte-americanas que contribuíram para a institucionalização dos cursos de Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política, 1933; e na Universidade de São Paulo, 1934 (Miceli, 1989; 1995).

Carlos Benedito Martins: formação, trajetória profissional e relações sociais

Filho de um comerciante e de uma professora primária, Carlos Benedito de Campos Martins passou a infância e a adolescência em Goiás. Conforme relata em seu Memorial para professor titular, entre 1965 e 1967

estudou no Liceu Estadual de Goiás, “então prestigioso estabelecimento público de ensino localizado na cidade de Goiânia — que despertou em mim o interesse em realizar o curso de Ciências Sociais” (Martins, 2010, p. 7). Foi nesse período que a convivência estudantil despertou seu interesse pela política, levando-o a optar pelo vestibular em Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás (UFG), decisão que gerou desconforto familiar, uma vez que:

...à oposição de meu pai somou-se a de minha mãe, professora primária e, acima de tudo, fervorosa católica praticante que associava o curso de ciências sociais a atividades subversivas e potencialmente nocivas à religião e à manutenção de costumes tradicionais (Trecho da entrevista com Carlos Benedito Martins, 2022).

Ao ingressar no curso de Ciências Sociais da UFG, em 1968, participou do movimento estudantil e, posteriormente, optou por transferir-se para São Paulo, que considerava possuir uma tradição acadêmica mais consolidada na área. Sobre esse período, registra:

Como a Universidade de São Paulo não aceitava solicitações de transferência, recorri à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que aceitou minha solicitação. Antes de me mudar para São Paulo, passei dois meses na França para impulsionar o curso de francês que vinha realizando já há alguns anos na Aliança Francesa. Essa curta passagem alimentou a construção do projeto de frequentar a universidade francesa num momento posterior, com o propósito de adquirir uma formação acadêmica consistente na área de ciências sociais (Trecho da entrevista com Carlos Benedito Martins, 2022).

Ainda que a narrativa autobiográfica tenda a conferir linearidade e coerência retrospectiva às trajetórias individuais (Bourdieu, 1986), observa-se, no trecho citado, a relevância das condições familiares e educacionais para a projeção de uma carreira nas Ciências Sociais. A possibilidade de frequentar instituições prestigiadas, aprender um idioma estrangeiro e realizar intercâmbio internacional revela não apenas condições objetivas favoráveis, mas também a presença de uma “boa vontade cultural” da família (Bourdieu & Passeron, 2014), que orienta investimentos em capital cultural e contribui para a mobilidade geográfica e intelectual do autor.

Essa mobilidade, que implica a passagem de um contexto periférico para centros acadêmicos mais consolidados, possibilitou ao autor estabelecer

relações com agentes influentes no desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil e ocupar posições relevantes na vida universitária, como a chefia do Departamento de Ciências Sociais da PUC-SP nos anos 1970. A esse respeito, o próprio autor rememora sua inserção na instituição e o contato com figuras centrais do campo sociológico brasileiro:

...Aí eu fiz meu mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC), eu era professor na PUC, onde fiz a graduação e tive uma sorte muito grande, pois no ano que me formei a PUC criou o ciclo básico e, com isso, ela contratou muitos professores da minha geração. [...] Uma pessoa que foi muito importante nesse processo todo foi o Maurício Tragtenberg, um professor célebre em São Paulo, weberiano, anarquista. Ele ficou muito impressionado com meu projeto de pesquisa e fui conversando muito com ele. Nesse momento, Florestan Fernandes e Octávio Ianni chegam na PUC para serem professores. Eu era chefe do Departamento de Sociologia na época, então estava em relação com Florestan e discuti meu projeto com ele, com Octávio Ianni e com o Maurício. [...] minha orientadora Maria Loyola tinha acabado de chegar da França e foi orientanda do Touraine, mas tinha um envolvimento muito grande com Bourdieu. E aí, me lembro de um dia em que terminei minha defesa, ela ofereceu um jantar para mim e minha ex-esposa, um almoço, ela falou: “Carlos, agora você vai para a França.” Eu nem tinha essa ideia. Ela falou: “Vai, vai para a França.” E ela escreveu para o Bourdieu para ele me aceitar, mas o Bourdieu disse que naquele momento já não aceitava mais ninguém [...]. Eu fui e fiz um doutorado sobre a expansão não só do ensino privado mas das escolas de administração em São Paulo. [...] eu fiquei na França cinco anos. Participo do seminário do Bourdieu durante os cinco anos, um seminário fechado para quinze alunos, frequento as aulas dele no College de France e me torno muito próximo da Monique Saint Martin, a segunda pessoa na hierarquia dele, e a Monique discutia muito minha tese com ele. Quando eu quis voltar para São Paulo, a PUC fez uma sacanagem muito grande comigo, aí me mandou uma carta [...] eu fui o primeiro professor da PUC de São Paulo a sair para fazer um doutorado no exterior, com bolsa da Capes. Até então todo mundo fazia doutorado na USP [...] tinha poucos doutores no departamento de Sociologia. Os poucos que tinham fizeram na USP. E aí eu fui a São Paulo, em uma vinda aqui ao Brasil para fazer pesquisa de campo, dizendo que eu queria voltar para PUC. Eu tinha um contrato de quarenta horas. E o reitor da PUC que era o meu amigo, do meu departamento, de esquerda e tal, disse que era impossível me receber porque não tinha mais vaga para quarenta horas. Só vinte horas. Eu disse: olha, eu lamento porque vocês vão perder um doutor que está chegando com todo entusiasmo [...]. Aí, voltei para a França, mandei uma carta aqui para o departamento [de Sociologia da UnB], cujo o diretor chefe era o João Gabriel que falou: “nós temos todo interesse em você vir para cá.” Eu cheguei aqui como bolsista do CNPq. Depois fiz o primeiro concurso do departamento, que até então não tinha tido concurso (Trecho da entrevista com Carlos Benedito Martins, 2022)

Há, nesse sentido, uma relação com autores consagrados ou em fase de consagração. Tal figuração social propicia o autor uma rede de sociabilidade que transpassa professores, intelectuais, autores e editores, num momento de expansão do espaço editorial da área de Ciências Humanas como demonstrado por Reimão (2022), assim como pela expansão, nos anos 1980 do ensino superior no país. Dados sobre a evolução da matrícula na educação superior, demonstra que o número de estudantes passou de 425.478 nos anos 1970 para 1.377.286 nos anos 1980. Esse número só aumentou desde então, com uma explosão de matrículas no ensino superior privado, que cresceu 70,6%, contra os 26,6% do setor público até o ano 2000 (Neves & Martins). Além disso, importa salientar que no conjunto dessas matrículas estão os cursos de Ciências Sociais, História, Geografia e Filosofia que também tiveram um crescimento relevante a partir dos anos 1980, como demonstra a pesquisa de Bodart e Tavares (2020).

Nesse momento de renovação editorial, abertura democrática e expansão do ensino superior no Brasil, criam-se as condições objetivas de publicação e circulação de um livro voltado à introdução da Sociologia.

A ideia de escrever o livro foi esboçada em São Paulo ainda. O Florestan chegou lá no departamento [...] eu me tornei muito amigo do Florestan [...] o prefácio da 2ª edição do meu livro é dele. Ele deu um curso uma vez sobre a formação da Sociologia e ele escreveu um livro que chama *A natureza sociológica da Sociologia* e eu fiquei muito encafifado com esse livro dele. E aí eu tinha uma amiga na PUC, professora, estava surgindo naquele momento a coleção “Primeiros Passos”, e ela [Vavy Pacheco Borges] escreveu “O que é História”. Ela era historiadora e muito amiga do Caio Graco, que era dono da Brasiliense, que era uma das editoras mais importantes de São Paulo. Ela falou: “Carlos...[eu conversando com ela sobre isso] por que você não escreve um livro sobre isso, você está lendo essas coisas, isso tudo e tal, vai lá conversar com o Caio”. Fui lá conversar com ele. O Caio é um cara muito interessante, tinha só o 2º grau, não tinha o ensino superior, mas era um cara atento à Arte, à Música, Cinema e Política. Eu fiquei muito amigo dele. E aí comecei a escrever esse livro quando meu segundo filho estava nascendo e estava indo para o meu doutorado na França, com a casa quase desmontada, uma mesinha e a máquina de escrever. Mandeí o texto para ele [...] era tudo na máquina, fui para a França e ele respondeu para mim. Eu falei para ele: “olha, dei o texto para um sobrinho meu ler e ele gostou muito” e ele respondeu [era tudo por carta naquela época] que meu sobrinho era muito inteligente mas que o texto era muito complicado [risos]. Eu precisava reduzir o texto. E aí eu montando casa na França, esperando chegar meus dois filhos com minha ex-mulher [...] vareí noite para reescrever o livro. Mandeí para ele, o Caio era muito engraçado. E esse livrinho, eu estava vendo, ele

já vendeu mais de 600 mil exemplares, circulou bastante. E aí, só para você ter uma ideia, o Caio ligava para a minha casa lá em Paris [a ligação telefônica era cara naquela época], quando ele ia a Paris, ele me convidava pra sair pra tomar licor com ele. E aí o livro foi vendendo, foi vendendo, e aí o Caio morreu, dramaticamente, ele tinha uma moto, ele tinha 60 anos e foi passar numa pinguela e morreu. [...] Aí o livro ficou assim. Hoje, é um livro muito incompleto [...] aquelas duas primeiras partes, acho que da história da Sociologia até ainda têm atualidade, mas a parte final que é o desenvolvimento da Sociologia está totalmente defasada. [...] (Trecho da entrevista com Carlos Benedito Martins, 2022).

A partir desse trecho também é possível perceber a continuidade das relações sociais estabelecidas para a escrita e publicação do livro. Percebe-se que há uma rede de interdependência entre autor, editor e público-leitor, além das amizades que se estabelecem na construção de um livro síntese do que é a Sociologia. O próprio autor se filia às perspectivas do fazer sociológico como aqueles relacionados a Florestan Fernandes no Brasil e Pierre Bourdieu na França, os dois sociólogos com maior prestígio nesses dois países. A filiação a essa geração também funciona como um ato de consagração no campo acadêmico atual, ainda que o próprio livro tenha se firmado como um livro de introdução à sociologia, não é de desconsiderar a relevância econômica e simbólica que tenha se constituído para a consolidação da própria trajetória do autor.

O próprio autor ressalta a relevância do livro para a sua vinda à Brasília nos anos 1980, quando enviou uma carta ao Departamento de Sociologia da UnB, sobre a possibilidade de realizar um estágio pós-doutoral. Celso Castro, responsável pela entrevista, questiona se o autor conhecia alguém na UnB na época, e Benedito Martins responde que “ninguém, absolutamente ninguém. Eu escrevi um livrinho quando estava indo para São Paulo, aquele *O que é Sociologia* da Editora Brasiliense, [...] e esse livro me tornou um pouco conhecido” (Martins, 2015, 31m07s).

Quando perguntamos sobre a relação com o editor e também a percepção do autor sobre o público-alvo da obra, Benedito Martins, ressaltou que:

[...] quando eu escrevi a primeira versão ele estava numa linguagem muito sociológica. Na verdade, a [coleção] “Primeiros Passos” foi pensada pelo Caio para o público de ensino secundário. Não era para a universidade. Entendeu? Era um público antes da universidade. Ele achou que a linguagem estava pesada. Eu tive que mudar a linguagem. Acho que meu

livro tinha umas cem páginas e eu tive que reduzir para umas setenta páginas. Eu nem tenho mais ele datilografado, eu podia ter guardado isso, mas eu reduzi muito e foi difícil fazer esse corte porque na época sem o computador você tinha que rebater tudo, era uma complicação. Eu reduzi, e aí falei: “agora está legal, vamos publicar o livro” e saiu o livro que está aí até hoje. Eu acho até que ele acabou sendo muito mais usado no ensino superior do que no ensino básico. Por exemplo: eu acho que no ensino básico ele não entra, entra mais são os manuais, manuais propriamente ditos, você sabe muito mais do que eu. São os manuais de ensino de Sociologia para o ensino básico. Esse livrinho, dificilmente ele entra. Eu já vi cara falar: “usei seu livro”, mas ele era professor de sociologia e era para dar uma aula, mas não para indicar para os alunos (Trecho da entrevista com Carlos Benedito Martins, 2022).

Pensando sobre a estrutura do livro e também o que o autor modificaria se pretendesse reescrever, surgem alguns elementos interessantes para a análise proposta, tais como: a história da sociologia, os autores e a forma como o autor compreende quais os temas mais relevantes do pensamento sociológico, como podemos ver abaixo.

[...] Esse livro do Florestan, *A natureza sociológica da Sociologia*, foi um livro que me chamou muito a atenção. Então eu estruturei um pouco [...] o impacto da revolução industrial, da revolução francesa na formação da Sociologia [...] depois, o primeiro desenvolvimento da Sociologia para falar um pouco de Marx, Durkheim, Weber e depois a parte final do desenvolvimento da Sociologia. Eu acho que a primeira parte é até interessante porque eu acho que captei bem a questão de como a revolução francesa e a industrial impactou o surgimento da Sociologia. Agora, a segunda parte é muito superficial e a terceira parte acho que ficou completamente [...] desatualizada, porque o cara que eu li mais contemporâneo é o Bourdieu que, na época, em oitenta, era isso. Hoje, já não é mais, eu teria que reescrever essa parte [...] (Trecho da entrevista com Carlos Benedito Martins, 2022).

Primeiro eu colocaria o seguinte: que, durante uma certa época, houve uma guerra muito grande entre os paradigmas. Os paradigmas eram colocados como excludentes, ou você era marxista, ou weberiano e aí veio muito o impacto do Bourdieu na minha formação, me mostrando como essas separações eram canônicas, elas não tinham fundamentos epistemológicos, eram muito mais lutas de posições, de reconhecimento, lutas do campo [...] acho que eu pegaria a noção de campo [...] mostrando que as coisas eram um campo em conflito e que hoje você passou por um momento de grandes guerras paradigmáticas, depois teve um momento de calma e hoje acho que estamos entrando novamente em um momento bastante complicado que é um momento também de guerras intestinas na Sociologia, que eu acho muito preocupante porque a sociologia hoje ela tem, diante de si, a economia [...] que conseguem explicar a sociedade muito mais rapidez do que nós [...] e nós estamos brigando entre nós [...] se o decolonial ou o pós-colonial é melhor e todo um ataque à tradição clássica da sociologia. Eu acho que é um problema muito complicado isso. Eu acho que sempre é importante você estar revendo a sociologia, seus fundamentos,

acho realmente que a base dela é muito eurocêntrica, europeia, mas acho que hoje, nesse estudo da globalização, a sociologia também se globalizou muito, hoje ela é uma sociologia mundial, não é mais uma sociologia europeia, norte-americana. [...] você tem Sociologia em mais de 150 países, uma diversidade muito grande, mas ainda estamos em um momento de uma briga interna que, acho, não é propício para a própria sociologia. Sabe, essa coisa de ataque aos clássicos. Porque os clássicos tiveram as ideias deles naquele momento [...] eles não podiam prever o que está acontecendo agora. (Trecho da entrevista com Carlos Benedito Martins, 2022).

Os trechos da entrevista permitem compreender a estrutura do livro como produto de uma configuração específica do campo sociológico nos anos 1970 e 1980, marcada por disputas paradigmáticas e pela centralidade do cânone clássico. Ao reconhecer retrospectivamente a influência de Florestan Fernandes na organização histórica da obra e o impacto posterior da noção de campo bourdieusiana para reinterpretar as “guerras paradigmáticas”, o autor evidencia que suas escolhas teóricas não derivam apenas de preferências individuais, mas de lutas por posições e reconhecimento no interior do campo científico. Nessa direção, a reflexão do próprio autor confirma a pertinência de uma leitura figuracional: a obra expressa um equilíbrio de poder entre tradições teóricas concorrentes e responde às exigências de estabilização disciplinar em um momento de institucionalização da sociologia no Brasil. À luz dos conceitos eliasianos de sociogênese e psicogênese, o livro pode ser visto como síntese situada de disposições intelectuais formadas em figurações acadêmicas específicas, cujos efeitos persistem mesmo quando o próprio autor passa a problematizar, posteriormente, seus limites históricos e teóricos.

Considerações finais

O que é Sociologia pode ser compreendido como produto de uma configuração específica do campo sociológico brasileiro das décadas de 1970 e 1980, marcada pela centralidade do cânone clássico, pela expansão institucional da disciplina e pelas disputas em torno de sua definição legítima. A organização histórica do livro, estruturada em torno das revoluções modernas e dos autores fundadores, sistematiza conteúdos introdutórios e reproduz hierarquias simbólicas que orientavam a formação sociológica naquele momento, contribuindo para estabilizar um repertório teórico

considerado formativo em um contexto de redemocratização e ampliação do ensino superior.

A articulação entre sociogênese e psicogênese permite compreender a obra como síntese situada de disposições intelectuais formadas em figuras acadêmicas específicas, nas quais trajetórias individuais, redes de sociabilidade e estratégias editoriais se entrelaçam. Nesse sentido, o livro não se reduz a um empreendimento autoral, mas constitui um artefato simbólico que condensa disputas paradigmáticas, projetos de profissionalização disciplinar e expectativas de difusão ampliada do conhecimento sociológico. Sua ampla circulação editorial reforça seu papel como dispositivo de rotinização do cânone, contribuindo para a padronização de referenciais teóricos e para a socialização de novas gerações de estudantes.

Essa leitura abre outras possibilidades de investigação ainda pouco exploradas. Uma delas consiste em examinar comparativamente as diferentes edições e reimpressões da obra, identificando eventuais alterações textuais e gráficas que indiquem recontextualizações do livro ao longo do tempo. Outra via promissora seria analisar sua recepção em programas de ensino, bibliografias de cursos e práticas docentes, de modo a aferir empiricamente seu impacto na formação sociológica no país. Por fim, a obra pode ser inserida em uma análise mais ampla das coleções editoriais voltadas à divulgação das Ciências Humanas, investigando como tais projetos participaram da consolidação de mercados leitores, da difusão de paradigmas teóricos e da redefinição do papel público da sociologia em contextos de transformação política e institucional.

Referências

- AZEVEDO, F. **Princípios de sociologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- BODART, C. das N.; TAVARES, C. dos S. Os cursos de Ciências Sociais e Sociologia no Brasil: história e configurações. **Cadernos de Educação**, n. 64, p. 1-26, 2020.
- BODART, C.; PIRES, W. Compreensão do processo de institucionalização da Sociologia escolar a partir de manuais escolares: um percurso metodológico em manualística. **Em Aberto**, Brasília: INEP, v. 34, n. 111, p. 113-130, 2021.
- BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 62, p. 69-72, 1986.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Bragança Paulista: EDUSEF, 2014.

CIGALES, M. **A sociologia católica no Brasil (1920-1940)**: análise sobre os manuais escolares. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2019.

CIGALES, M.; OLIVEIRA, A. P. La sociología católica en Brasil a través de textos escolares. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 83, n. 1, p. 157-184, 2021.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA. Parecer para concessão do título de professor emérito ao professor Carlos Benedito de Campos Martins. Brasília: Universidade de Brasília, Sistema Eletrônico de Informações (SEI), 2023.

ELIAS, N. **O processo civilizador: o Estado e a civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ESCOLANO BENITO, A. El manual como texto. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 33-50, 2016.

ESCOLANO BENITO, A. A manualística na Espanha: duas décadas de pesquisa (1992-2011). **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 7, n. 20, p. 6-29, 2017.

LEÃO, A. B.; LANDINI, T. S. **10 lições sobre Norbert Elias**. Petrópolis: Vozes, 2022.

LEMOES, A. A Coleção Primeiros Passos: projeto editorial, ação e formação política. In: REIMÃO, S.; CRENI, G. (org.). **Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense**. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2020. p. 11-22.

LIEDKE FILHO, E. D. A sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 376-437, 2005.

LIMA, Jacob Carlos; BOMENY, Helena. A formação em Sociologia: de volta ao futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, p. 73-90, 2001.

LIMA, Jacob Carlos; CORTES, Soraya Maria Vargas. A sociologia no Brasil e a interdisciplinaridade nas ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, p. 41-58, 2013.

LORTON, A. **Sociologia**. Rio de Janeiro: Livraria Alves, 1926.

MAUÉS, F. Brasiliense e o Brasil da Ditadura Militar: uma editora de resistência. In: REIMÃO, S.; CRENI, G. (org.). **Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense**. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2020. p. 23-32.

MARTINS, C. B. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARTINS, C. B. Entrevista com Carlos Benedito Martins. Projeto Memória das Ciências Sociais no Brasil. CPDOC/FGV, 2015.

MARTINS, C. B. Memorial para o concurso de professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2010. (Mimeo).

MEUCCI, S. **Institucionalização da sociologia no Brasil**: os primeiros manuais e cursos. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MEUCCI, S. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, n. 1, e098, 2020.

MICELI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 1. São Paulo: Vértice; IDESP, 1989.

MICELI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 2. São Paulo: Sumaré; FAPESP, 1995.

MIRANDA, P. **Introdução à sociologia geral**. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1926.

NEVES, C. B.; MARTINS, C. B. O ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, T. et al. (org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília; Pequim: IPEA; Social Science Academic Press, 2016. p. 95-124.

OLIVEIRA, A.; MARTINS, C. B. A sociologia brasileira e seus desafios: entrevista com Carlos Benedito Martins. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 18, n. 41, p. 13-26, 2019.

OLIVEIRA, A., BODART, C. das N., & Campos, R. D. de .. (2024). História do ensino das Ciências Sociais: situando o debate. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 24, e333. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v24.2024.e333>

OSSENBACH SAUTER, G.; SOMOZA, M. *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*. Madrid: UNED, 2001.

REIMÃO, S. Introdução. In: REIMÃO, S.; CRENI, G. (org.). **Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense**. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2020. p. 33-38.

SANTOS, Éric Carneiro dos. **Para compreender os sentidos do ensino de Sociologia**: conhecimento, história e linguagem nos livros didáticos. 2024. 199 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

TRINDADE, H. Disciplinarização e construção institucional da sociologia nos países fundadores e sua reprodução na América Latina. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 47, p. 210-256, 2018.

Recebido em 15/02/2024

Aceito em 19/02/2026

Versão final em 28/02/2026

Publicado em 15/07/2026

O que é Sociologia - Coleção Primeiros Passos: a figurational analysis of the book in dialog with the author

Abstract

The article analyzes the book *What is Sociology*, published in the *Coleção Primeiros Passos* by Editora Brasiliense, taking it as an object to understand the socialization of sociological knowledge in Brazil. To examine the conditions of production of the work, released in the early 1980s, we conducted a semi-structured interview with its author, Carlos Benedito Martins, and mobilized additional documentary sources, such as his academic memorial for full professorship, the report recommending him for emeritus professor at the University of Brasília, and other interviews granted throughout his career. The analysis is grounded in Norbert Elias's concepts of figuration, sociogenesis, and psychogenesis, articulating the author's professional trajectory with the academic and editorial networks that enabled the production and circulation of the book. We conclude that the work constituted a successful project for disseminating sociology, situated within the context of Brazil's redemocratization and the expansion of higher education.

Keywords: Sociology in Brazil; Sociology Textbooks; Sociogenesis; Intellectual Figurations; Sociology Teaching.